



**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLITICAS SOCIAIS
III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

(Ordem Patriarcal de Gênero, raça/ etnia e classe)

TEMPLATE – TRABALHO COMPLETO – Apresentação Comunicação Oral

Bullying: impactos sociais em filhos de casais homoafetivos

Resumo: Este artigo traduz como as relações homoafetivas estão traçando impactos na sociedade contemporânea. Essa nova composição familiar trouxe demandas que interferem diretamente no contexto social. O âmago da questão aponta para uma nova expressão da questão social, o bullying com filhos de casais homoafetivos. Tem por objetivo agregar a importância da atuação profissional no que tange a intervenção no interior desse cenário atual. A metodologia foi realizada através de estudo bibliográfico e história oral, permitindo captar a sensibilidade do tema estudado. O engajamento dos envolvidos estimula o convite para saldar positivamente os impactos sociais pertencentes a essa nova realidade.

Palavras-chave:: Bullying. Crianças. Casais Homossexuais. Preconceito. Equipe Multidisciplinar

Abstract: This article translates how homoaffective relationships are tracing impacts in contemporary society. This new family composition has brought demands that directly infer in the social context. The core of the issue points to a new expression of the social issue, bullying with children of homoaffective couples. Its purpose is to add the importance of professional performance in what concerns the intervention within this current scenario. The methodology was carried out through a bibliographic study and oral history, allowing to capture the sensitivity of the studied subject. The engagement of those involved encourages the invitation to positively balance the social impacts pertaining to this new reality.

Keywords: Bullying. Children. Homosexual Couples. Preconception. Multidisciplinary Team.

1. INTRODUÇÃO

As composições familiares enfoca um tema abordado desde os primórdios. Vivemos em um contexto no qual a discussão da família tradicional brasileira, conceituada como família padrão, vem se fortalecendo sendo essa embasada com a relevância política e com o conservadorismo, esta retrata um modelo no qual se admite apenas a conjuntura tradicional (mãe, pai e filhos). Em contrapartida as novas composições familiares estão



progressivamente encaminhando-se para uma nova realidade na sociedade, visto que, o avanço em relação aos direitos humanos é indiscutível.

Sendo assim, é possível afirmar que na sociedade atual, existem muitos casais homossexuais com filhos. Assim, são compostas famílias que vivenciam questões de conflitos com o tradicionalismo e que na maioria das vezes são vítimas de preconceito. O cerne da questão retrata que a concepção familiar na contemporaneidade está intrinsecamente associada às relações entre os membros da família e estes com a sociedade.

A adoção, a inseminação artificial, e filhos advindos de casamentos anteriores configuram-se o tocante dessas novas composições familiares. Acoplado a esses novos conceitos e a essas novas relações sociais, é viável estabelecer que a transformação no contexto social traz consigo adaptações quanto às diversas políticas sociais a que essas famílias estão relacionadas.

No cenário escolar, os filhos que tem como responsáveis casais homossexuais enfrentam diversas questões conflituosas, entre elas, o bullying, o preconceito, a não aceitação por parte dos colegas. Esses findam por ter que se inserirem em um grupo social, no qual constantemente geram atritos por se sentirem diferentes dos demais. Na rotina educacional, a criança permanece exposta a diferentes situações que podem resultar no que tange à hostilização e rejeição pelos demais.

Por outro viés, os profissionais da rede de ensino também permeiam por novas estruturas nas quais estão inclusas o modo de como esses devem enfrentar essas novas demandas que estão emergindo. Não obstante, é fundamental a participação entre a tríade família, profissionais e alunos para que seja efetivo o trabalho proposto e a participação plena do aluno em sua vida escolar. Os encaminhamentos para outros profissionais que compõe a rede também são fundamentais, além de elaborar estratégias de combate ao bullying e aceitação dos novos modelos familiares.

Nesse sentido, essa situação que desponta, requer o estudo do tema que é o bullying, sendo este delimitado em bullying de crianças filhas de casais homoafetivos. Dessa forma, agrega-se que a questão que indaga o estudo é: “Como são acolhidas as crianças de 07 (sete) a 12 (doze) anos, que sofrem bullying por serem filhas de famílias homoafetivas pela equipe multidisciplinar na rede de ensino escolar no município de Caxias do Sul?”. Essa reflexão traz como objetivo geral a forma como a equipe multidisciplinar na rede de ensino atua na condução da questão norteadora apresentada. Dessa forma, ainda concilia-se compreender como são as rotinas familiares e como os responsáveis abordam a questão em relação ao preconceito, além de entender como este impacta nas suas relações sociais e emocionais.



O estudo abrange três diferentes tópicos, os quais convidam ao leitor à compreensão da singularidade do sujeito interposto em sua pluralidade social. A primeira parte apresenta uma ampla análise de como são constituídas e construídas as relações familiares no contexto dos casais homoafetivos. A segunda etapa diz respeito ao modelo de inserção das crianças seja por adoção ou inseminação artificial e amplia como o bullying se faz presente neste aspecto social. Acrescenta-se que as duas primeiras estruturas configuram-se em pesquisas bibliográficas que retratam um recorte para o entendimento do tema elencado. O terceiro tópico apresenta relatos de casais homoafetivos os quais tem filhos inseridos no contexto educacional. A metodologia utilizada para realização dessa etapa foi a história oral, a qual permite a projeção da vivência e a sensibilidade mais aproximada aos fatos. Salienta-se que para os nomes serem mantidos em sigilo, mantendo-se a ética profissional, foram utilizados codinomes para referenciar o recorte oral.

Nos resultados e conclusões é possível apreciar como a atuação da equipe multidisciplinar impacta nas questões sociais a que as famílias estão vivenciando e retoma aos apontamentos de como os profissionais podem aperfeiçoar o seu desempenho em consonância com o meio, considerando a singularidade e as demandas de cada sujeito através de um atendimento mais humanizado.

2 A CONTRADIÇÃO DO CONTEXTO PATRIARCAL : UMA CRÍTICA AO CONSERVADORISMO

A instituição social mais antiga que historicamente está imbricada no descobrimento do homem é a família. Não obstante, este é um tema que provoca inquietações na sua contemporaneidade conceitual. Ainda, é viável estabelecer que a família é a primeira relação social a que o indivíduo tem seus primeiros contatos. Visto por essa perspectiva é possível indagar que a família é o suporte social do ser humano, é através dela que são apresentados os recortes do mundo no qual o indivíduo é inserido durante sua vida.

O modelo patriarcal aquele que era formatado por mãe, pai e filhos foi apontado como referência no que tange a descrição familiar. Este formato segue a linhagem temporal conservador, evidenciando a parte paterna como sendo o foco do interior familiar, o provedor, o juiz de decisões, para a mulher cabia apenas o âmbito materno sendo destinada à procriação e a concordância com o marido.

Neste sentido, adentra a condução do repasse do conceito familiar que é absorvido de geração para geração, conduzindo a um rígido modelo imposto e advindo do conservadorismo imputado pela burguesia. A simbologia expressa pela instituição familiar



capta ainda que inconscientemente os primeiros contados, estes ficaram imersos a um contexto já tradicional.

Quando ouvimos as primeiras falas, não aprendemos apenas a nos comunicar; captamos, acima de tudo, uma ordem simbólica, ou seja, uma ordenação do mundo pelo significado que lhe é atribuído segundo as regras da sociedade em que vivemos. O componente simbólico, apreendido na linguagem, não é apenas parte integrante da vida humana, é seu elemento constitutivo. (ACOSTA, 2012, p. 27)

Desta forma, é possível ilustrar que o conceito de família foi se transformando de forma natural, acompanhando as evoluções históricas. Assim, é possível citar fatos marcantes como a luta das mulheres em relação à equidade, a igualdade racial que tange a luta incansável dos afro descendentes, a busca pelo direito de escolha dos LGBTs, sendo mais atual o debate sobre os transgêneros .

Contudo, mesmo com a discussão emergente dessas mudanças nas relações sociais, é considerável apresentar que o conservadorismo conjuntamente com seu modelo conceitual patriarcal resiste à aceitação de uma nova conjuntura social.

Por outro viés é possível verificar a transformação do papel da mulher na sociedade. Se anteriormente esta era fadada à subordinação e protagonizava apenas a função reprodutiva, atualmente a mulher conquistou um patamar auto-suficiente no qual conduz uma família com destreza, além de estar ativa no campo do exercício profissional.

Neste mesmo contexto, é possível indagar que a mulher que estava destinada apenas ao papel maternal, hoje adquire também seu direito ao exercício sexual e sua vivência como mulher. No entanto, para os conservadores, essa não pode ser considerada uma conquista, mas sim uma afronta à família tradicional patriarcal.

A ordem familiar socioeconômica burguesa repousa portanto em três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos. Mas, ao outorgar à mãe, e à maternidade um lugar considerável proporciona-se meios de controlar aquilo que, no imaginário da sociedade, corre o risco de desemborcar em uma perigosa irrupção do feminino, isto é, na força de uma sexualidade julgada tanto mais selvagem ou devastadora na medida em que não estaria mais colada à função materna. A mulher deve acima de tudo ser mãe, a fim de que o corpo social esteja em condições de resistir à tirania de um gozo feminino capaz, pensa-se, de eliminar as diferenças dos sexos. (ROUDINESCO, 2003, p.21)

A mulher protagonizou lutas históricas que remetem ao sofrimento em busca de seu direito de tão somente vivenciar situações de igualdade e equidade, reagindo e conquistando seu território social e protagonizando sua voz ativa na sociedade. Contudo, ainda absorveu impactos dos rótulos pejorativos, e sendo vista como um ser incapaz de adentrar no meio social. Neste sentido, a autora Beauvoir, ilustra bravamente essa contextualização.



Muitos homens o desejam: nem todos se desarmam ainda. A burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses. Certos homens temem a concorrência feminina. No *Hebdo – Latin*, um estudante declarava há dias: “Toda estudante que consegue uma posição de médico ou de advogado *rouba-nos* um lugar.” [...] (BEAUVOIR, 1970, p. 18)

Desta forma, a mulher conseguiu não apenas apoderar-se do espaço social e sócio-ocupacional, mas também passou a ser a referência familiar em suas variadas composições. Houve uma inversão de papéis que ilustram uma nova e diferente moda familiar, na qual a mulher também provê toda uma família, ou simplesmente se auto-provê.

Apoiada desde seu nascimento em tal concepção da sexualidade, a psicanálise foi portanto ao mesmo tempo o sintoma de uma mal estar da sociedade burguesa, presa das variações da figura do pai, e o remédio para esse mal-estar. Contribuiu para a eclosão, no seio da família afetiva, de novos modos de parentalidade – família dita “recomposta” ou “monoparental”-, ao mesmo tempo se tornando o fermento de um duplo movimento social que vinculava a emancipação das mulheres e dos filhos – e mais tarde dos homossexuais- à rebelião dos filhos contra os pais.(ROUDINESCO, 2002, p. 49-50)

Por um viés mais além do que o conceitual exposto, é provocativo enfatizar que a mulher representou a nova “parentalidade”, construindo e reconstruindo suas composições familiares, permitindo e desconfigurando o modelo imposto pela sociedade burguesa conservadora inspirada na moral e nos bons costumes.

É pertinente explorar que a mulher permitiu que outras composições familiares fossem se ajustando no modelo social contemporâneo, formando também famílias com casais homoafetivos com filhos ou não e também por apenas a figura masculina, exercendo sua paternidade unilateralmente.

2.1 Composições familiares contemporâneas: uma nova construção enfatizando famílias homoafetivas

É viável destacar que a mulher protagonizou lutas sociais no que se refere às novas composições familiares. Neste sentido, muitos outros grupos também começaram a formar novos moldes familiares e contrariar ao modelo padrão que era estabelecido pela família tradicional, como foi o caso da população LGBT’s.

Muitos casais homoafetivos que antes estavam vivendo à margem da sociedade e à deriva do modelo tradicional imposto, sofreram com preconceito e retaliações. Contudo, ao mesmo tempo em que padeciam com a exclusão social, aos poucos esse grupo foi conquistando seu espaço perante a sociedade. Assim, foram se integrando nos mais diversos espaços sociais, interagindo e conseguindo expor suas escolhas e posições.



Os debates sobre as origens rumaram a um novo modelo social, que seria formado por casais homossexuais esses tiveram contrastados em relação à reprodução sexual, movido pela idéia do acasalamento carnal, o conceito tradicional rebatia as manifestações dos novos modelos familiares. Não obstante, a autoridade patriarcal foi decaindo e com isso foram surgindo casais de mulheres com mulheres e homens com homens, mas ainda o conceito moral da família tradicional era maior que a aceitação dessas novas configurações. (ROUDINESCO, 2002)

É viável ainda acrescentar que a família nuclear muitas vezes apresenta preconceito em relação à escolha da sexualidade de seus familiares, neste sentido a rede de apoio com amigos, e/ou conhecidos que partilham dos mesmos valores passam a ser a base para que os homossexuais engajem a inserção social. Não obstante, é instigante acrescentar que pela perseguição e preconceito, a família “escolhida” passa a ser referência para apoio mútuo. (FRANÇA, 2009).

Sendo assim, as famílias compostas por casais homossexuais foram surgindo e emergindo na sociedade. Muitas começaram a construir suas famílias, terem filhos e então estes participarem de espaços na sociedade o que antes não era possível. Essas novas composições familiares ganharam um espaço reverso social no qual a família homossexual conseguiu conquistar o direito de estar vivenciando uma vida igual aos casais heterossexuais.

Destarte que após muitas lutas e conquistas, a família recomposta evidenciou que os laços familiares não haveriam de ter necessidades consanguineas, mas sim de afeto.

Quando os gays e lésbicas da costa californiana quiseram, a partir de 1965-70, se tornar pais, inventaram uma cultura da família que não passava, sob muitos aspectos, da perpetuação do modelo que haviam contestado e que já se encontrava ele próprio em plena mutação. E foi exatamente porque essa cultura carregava consigo um grande desejo de normatividade que foi acolhida como a pior das feridas infligidas à ordem simbólica. (ROUDINESCO, 2002, p. 84)

Desta forma, a visibilidade construiu paradigmas e colocou os filhos oriundos de casamentos homoafetivos neste papel que embora seja de épocas remotas só se tornou visível na virada do milênio. Ainda é posto que com o reconhecimento judicial para união de pessoas do mesmo sexo, a equidade passou a ser ao menos tolerada pelos então ditos arcaicos tradicionais. (FRANÇA,2009).

Cabe reafirmar que a lógica apresentada infere na questão da aceitação, a partir do momento em que a união entre casais do mesmo sexo passa a ser direito fundamentado em lei, a sociedade começa a conformar-se com o que antes era visto como algo perturbador.

O reconhecimento jurídico da homossexualidade, e dos direitos dos homossexuais acelera o processo de aceitação da sociedade como um todo, devido ao caráter



legal que assume. O reconhecimento do direito à sexualidade e ao livre exercício da orientação sexual favoreceria sobremaneira a diminuição da homofobia, essencial para melhor inserção de gays e lésbicas nas próprias famílias, no trabalho e na vida social. (FRANÇA, 2009, p.28)

À vista disso, é possível compreender que com o surgimento dos direitos da pessoa humana, as famílias homoafetivas foram formando vínculos com a sociedade, sendo aos poucos admitida essa nova integração. Cabe ainda destacar que se antes essas famílias viviam à margem da sociedade, por muitas vezes refugiando-se a uma vida reclusa, depois da promulgação do direito e reconhecimento, a participação tornou-se algo natural e considerado como um marco no alcance histórico social.

Contudo, com tamanha exposição, as demandas negativas também foram surgindo, muitas famílias sofreram preconceitos, julgamentos e mesmo que de forma velada lidavam com a segregação. Sendo assim, o papel dos profissionais da rede psicossocial nunca foi tão imprescindível. O bullying começou a integrar o cotidiano das crianças que são filhas de casais homoafetivos.

3 DO REMONTE FAMILIAR CONTEMPORANEO ATÉ O ENLACE COTIDIANO: UM BREVE RECORTE DA FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS

A construção de uma nova jornada social foi vista com outros olhos a partir do reconhecimento judicial na união homoafetiva. Destarte, que o movimento promulgava a naturalidade de como esta conquista iria impactar as relações sociais. Ainda assim, para os casais homoafetivos também havia outra objeção, a questão dos filhos.

O remonte familiar aponta como formação familiar a adoção, a fertilização *in vitro* e filhos oriundos de casamentos anteriores. Em especial, a adoção foi um grande marco no que tange a aderência por casais homoafetivos, visto que, perante a legislação, estes não podem exercer nenhum tipo de diferenciação, considerando-se sempre o bem estar da criança.

Atualmente, a ideia de família não está vinculada a de matrimônio, uma vez que é possível a reprodução sem sexo, sexo sem matrimônio e matrimônio sem reprodução. Hoje o direito de família vincula-se à noção de afeto e de interesses comuns, independentemente dos sexos dos parceiros. Com a isonomia entre homens e mulheres, com o surgimento do divórcio e com a proteção dos filhos tidos fora do casamento, este deixou de ser o fundamento da família, dando lugar a outras formas de entidades familiares, tais como as uniões homoafetivas. (ANDRADE, 2005, p.108-109)

Em contrapartida há os que mantêm a discrepância do preconceito e ainda possui um relativo grau tradicional no qual acreditam que o modo de vida dos casais homoafetivos está



em desacordo com o modelo padrão, entendendo que esses vivem de modo escandaloso e promíscuo, no qual seria inviável guardar uma criança. Desta forma, é possível compreender que:

A afirmação de que uma criança não deve conviver com um homossexual, sob acusação deste levar uma vida desregrada, diferente dos padrões normais impostos pela sociedade, e que essa convivência pode alterar o desenvolvimento psicológico e social da criança não deve prosperar, uma vez que se fundamenta em suposições preconceituosas. A orientação sexual não é causa determinante no desenvolvimento de uma criança, até porque muitos heterossexuais tem vidas atribuladas e desregradas e seus filhos não adquirem tais características. (ANDRADE, 2005, p.114)

Sumariamente, é visível acrescentar que a participação dos profissionais, inclusive o assistente social, no que se refere à adoção ou fertilização *in vitro*, é fundamental para que esses saibam de seus direitos como casal, como usuário e como responsáveis. Não obstante, o acompanhamento também é ofertado aos casais heterossexuais para assim fornecer todo o suporte ao convívio familiar, encaminhamentos profissionais e dúvidas de qualquer natureza.

Convém afirmar que o acompanhamento profissional está atrelado ao questionamento das condições reais do casal em ofertar uma vida digna para a criança. A intervenção do assistente social vem ao encontro da mediação entre as condições de absorção das demandas que a criança absorve. O direito ao bem estar da criança deve ser sempre considerado primordial, mas também primando o acompanhamento do desenvolvimento da criança em toda sua integridade. (SÀNCHEZ, 2009).

Concomitantemente durante o desenvolvimento da criança filha de casais homoafetivos é viável que se apresente alguns obstáculos em torno de sua vida. Em seu desenvolvimento social, sua rede de amizades, seu âmbito sócio-familiar podem apresentar momentos de conflitos.

3.1. Bullying: a versão escondida do ódio

O Bullying é a nova forma de agressão que vem sendo proferida por crianças e/ou adolescentes. Normalmente o âmbito escolar é o local no qual há maior incidência de bullying. Neste sentido é possível refletir que:

A palavra bullying até pouco tempo atrás era pouco conhecida do grande público. De origem inglesa, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Entre esses comportamentos,



podemos destacar agressões, assédios e ações desrespeitosas realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. [...] (SILVA, 2015, p. 19)

Sendo assim, é possível apresentar que o fato de crianças filhas de casais homoafetivos pode ser mais propensas a serem vítimas de bullying. Posto que, é possível considerar uma situação atípica em relação às outras crianças as quais tem uma família tradicionalmente padrão.

Quem é vítima de bullying normalmente está em desvantagem a outro, ou a outras crianças, juntamente apresenta baixa autoestima. As conseqüências são imensuráveis visto que, ainda são evidenciados abalos psicológicos que podem se agravar na fase adulta. (SILVA, 2015)

A vítima na maioria das vezes recebe os ataques violentos quase que diariamente, seguindo como conseqüência a evasão escolar, faltas freqüentes, desânimo, dificuldade de aprendizagem, entre outros (SILVA, 2015)

As conseqüências ainda podem findar em tons mais graves e fazer com que a vítima se abale tanto a ponto de indicar ideação e/ou tentativa de suicídio. A relação entre a questão da homossexualidade, e da relação dos pais serem do mesmo sexo pode ser um dispositivo para que a criança ou adolescente sofra com o bullying.

O grande perigo de vivenciar cotidianamente essas situações é que aqueles que sofrem a violência, no auge de sua angústia, tentam ou cometem suicídio, matam ou articulam-se para matar, certamente porque é pesada demais a carga que não conseguem carregar. Matar-se ou matar os outros é um caminho para se libertarem desse flagelo. (TOGNETTA, 2012, p. 103)

Nesse seguimento, é possível salientar que filhos de casais homoafetivos que sofrem bullying estão propícios a terem problemas psicológicos que podem ocasionar demandas que não estão ao alcance da vítima de bullying, a vítima fragiliza-se tornando-se incapaz de resolver os próprios conflitos. Neste momento, o suporte da equipe multidisciplinar é fundamental a fim de detectar a violência exercida e se constatada a prática, os profissionais além de abarcarem com toda a estrutura, devem viabilizar os encaminhamentos necessários a fim de suprir as demandas da vítima.

4 A REALIDADE ATRAVÉS DE HISTÓRIA ORAL

A abordagem através da história oral é um rico instrumento, pois, permite que o pesquisador usufrua toda uma vivência, sendo essa permeada por detalhes que são realizados através de relatos. Ainda é possível transmitir a emoção, a veracidade e todo o momento interposto pela situação.

A história oral ainda concede o contraponto da atuação profissional e a interação



entre os agentes envolvidos. Ainda é possível agregar um suporte no acompanhamento dos pais com os filhos, atendendo os questionamentos destes em relação à opção sexual dos responsáveis.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimulam professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade autoconfiança. [...] E oferece meios para uma transformação radical do sentido social da história.”(THOMPSON, 1998, p.44)

Assim, a história real vem ao encontro do cerne da discussão sobre o bullying, uma vez que, esta é uma demanda social que agrega a criança, os responsáveis e os profissionais que vivenciam essa questão.

Lua retrata : “Nunca precisei graças a Deus de profissionais da área até pelo fato de meu filho nunca ter sofrido com o Bullying na escola” (sobre a necessidade da ajuda profissional).

Desta forma é visível que os profissionais estão exercendo sua atuação frente às demandas que se apresentam no cotidiano. Em concordância Estrela fortalece: “Meu filho sempre foi tratado normalmente pelos colegas e pessoas ao seu convívio, nunca precisou de acompanhamento”.

É possível grifar que a prática do bullying não ocorreu na versão dos responsáveis em relação a sua escolha sexual. Nem tão pouco em relação aos questionamentos dos colegas.

Vênus ainda retrata que: “sou bem atuante na escola e comunidade onde trabalho. Então as pessoas sabem meu posicionamento. Pelo contrário, costumam até me procurar para desabafar questões ligadas ao gênero e orientação sexual.”

Ao ser questionada sobre a possível aceitação da criança Estrela ainda relata: “Somos uma família normal, fazemos compras, saímos, meu filho participa de tudo, chamando-a de tia e muitas vezes preferindo a companhia dela do que a minha”.

Acrescenta-se que os profissionais da educação do Município de Caxias do Sul vêm amplamente executando projetos desde a prevenção até a promoção na forma da realização de encaminhamentos profissionais após o bullying acontecer. O Grupo de Trabalho Cuidar atua entre a equipe pedagógica da Secretaria Municipal da Educação conjuntamente com as escolas municipais. O grupo de Trabalho Reconexão investe na execução dos Círculos Restaurativos.



5 RESULTADOS E CONCLUSÕES

O bullying é um dos temas que tem abrangido grande discussão na contemporaneidade. Este quando proferido no âmbito escolar causa seqüelas emocionais e pode gerar transtornos psicológicos. Ainda, a intimidação através do bullying causa danos irreparáveis no convívio social e acarreta demandas nocivas no desenvolvimeto da criança ou do adolescente quando atingi a fase adulta.

Não obstante, a união de casais homoafetivos está cada vez mais participativa na sociedade, visto que é um direito conquistado através de muitos movimentos de lutas. E quando há uma família, especialmente quando há uma criança envolvida o cuidado é primordial e a atenção sempre será a priori do bem estar da criança.

Neste sentido, após análise, é possível verificar que os profissionais estão engajados em coibir e prevenir o bullying. Apesar dos relatos expostos serem empíricos, é possível ressaltar que com a equipe multiprofissional em harmonia composta por diferentes técnicos, cada um com sua formação e domínio técnico, é possível haver saldos e impactos sociais positivos em relação ao bullying. A maestria da equipe desde a elaboração do projeto até sua execução comprova que os profissionais vem logrando ao encontro da mudança social.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller. **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: IEe PUC SP, 2012.

ANDRADE, Diogo de Calasans Melo. Adoção por Casais Homossexuais: adoção entre pessoas do mesmo sexo e os princípios constitucionais. In: SILVA, Cláudia Maria. (Org). **Revista Brasileira de Direito de Família**. Porto Alegre: Síntese, 2005. p. 99-123.

DE BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Traduzido por Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. Tradução de: *Le Deuxième Sexe Les Fait Et Les Mythes*.

FRANÇA, Maria Regina Castanho. *Revista Brasileira de Psicodrama*. **Famílias Homoafetivas**. São Paulo, v. 17, n. 1, p. 21-33, 2009.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 de novembro de 2018.

FURASTE, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas da ABNT**. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Traduzido por André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Tradução de: *La Famille en désordre*.



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

SÂNCHEZ, Félix Lopes. **Homossexualidade e Família**: novas estruturas, o que pais, mães, homossexuais e profissionais devem saber e fazer. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO. **Comunicação de Despacho SMED nº 2967/2018**. Caxias do Sul, 2018.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, Renata; URBANESKI, Vilmar. **Metodologia do Trabalho Científico**. Indaial: Asselvi, 2009.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história real. Traduzido por Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Tradução de: The voice of the past – oral history.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. **É possível superar a violência na escola?** : construindo caminhos pela formação moral. São Paulo: Editora do Brasil, 2012.